

ANÁLISE INFORMA D&B 500 MAIORES & MELHORES

EDIÇÃO DE 2015

500 M&M

A Informa D&B analisou as 500 Maiores & Melhores Empresas em Portugal, traçou a sua evolução desde 2010 nos principais indicadores e a relevância da participação estrangeira no seu capital.

Durante várias semanas a Informa D&B e a Deloitte em conjunto com o Jornal Expresso e a revista Exame, produziram um conjunto de informação sobre este *ranking*, publicadas no Expresso durante 4 semanas consecutivas.

500 MAIORES & MELHORES EMPRESAS EM PORTUGAL

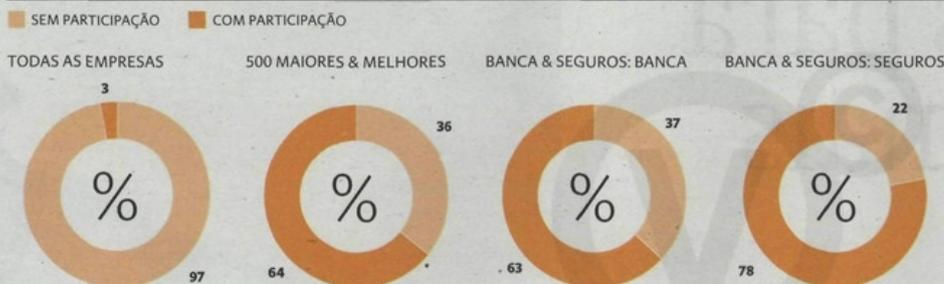


Grandes empresas concentram capital estrangeiro

64% das 500 maiores empresas contam com capital internacional. Considerando todo o tecido empresarial, são apenas 3%

PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA EM PORTUGAL...

Proporção das empresas no universo considerado



FONTE: INFORMA D&B COM BASE NA EDIÇÃO 500 MAIORES & MELHORES E BANCA & SEGUROS DA REVISTA EXAME DE 2015

... E NO CAPITAL DAS 500 MAIORES & MELHORES

Peso das empresas nos indicadores considerados, em percentagem



Se entre as maiores empresas em Portugal, a participação de investidores estrangeiros no capital é habitual, já considerando todas as empresas no país, o capital internacional é uma raridade. Esta é a conclusão da análise da Informa D&B, com base na edição de 2015 (nas bancas no final de novembro) das 500 Maiores & Melhores Empresas em Portugal (500 M&M), onde a "Exame" distingue as maiores e melhores empresas no país.

Assim, 64% das 500 M&M têm alguma participação estrangeira no capital. Mas, no universo empresarial luso, este valor é de apenas 3%. A maior capacidade de atração de capital internacional é comum ao

sector financeiro. Com base no estudo anual Banca & Seguros, que também será publicado pela Exame, a Informa D&B apurou que 63% dos bancos e 78% das seguradoras contam com capital estrangeiro.

Explicação? "As empresas de maior dimensão são regra geral empresas maduras, com um histórico que funciona como garantia de continuidade", diz Teresa Cardozo de Menezes, diretora-geral da Informa D&B. Além disso, "apresentam maior resiliência em tempos desfavoráveis". Tudo somado, "poderão ser mais atrativas para investir", considera Teresa Cardozo de Menezes, acrescentando que "dada a sua dimensão e capaci-

dade de movimentação e exposição, mais facilmente estabelecem contactos com investidores internacionais".

Facilitar as exportações

Em diversos indicadores, o peso no ranking das 500 M&M das empresas que contam com capital internacional é ainda maior. As empresas com participação estrangeira representam 78% das vendas totais das 500 M&M, 72% do valor acrescentado bruto (VAB) e 67% do emprego. "O valor da participação estrangeira nas 500 M&M cresce à medida que aumenta a dimensão das empresas", nota Teresa Cardozo de Menezes. Verifica-se que,

neste universo de companhias, "59% do valor da participação estrangeira está concentrado no escalão mais alto em termos de volume de negócios (acima dos €100 milhões)".

Mais ainda, o capital internacional é um elemento importante quando falamos das exportações das maiores empresas no país. Sinal disso, olhando mais uma vez para o universo das 500 M&M, 70% das empresas com participação estrangeira no capital exportam, representando 79% das exportações totais deste grupo das maiores companhias em Portugal. Em contraponto, apenas 58% das empresas do ranking que não contam com capital internacional vendem

para os mercados externos, representando apenas 21% das exportações totais das 500 M&M. "A disponibilidade de capital é imprescindível quando as empresas olham para o exterior", lembra Teresa Cardozo de Menezes, apontando que as maiores empresas — onde se concentra o capital internacional — "têm maior capacidade de estabelecer contactos internacionais". Acresce que há várias empresas em Portugal de grande dimensão que incorporam capital estrangeiro desde a sua génese e que foram planeadas para fornecer mercados externos. A Autoeuropa é apenas um exemplo.

SÓNIA M. LOURENÇO
slourenco@impresa.pt

IDE sobe 17% entre 2008 e 2014

O stock de investimento direto estrangeiro (IDE) em Portugal aumentou 17% entre 2008 e 2014. Mas com recuos em 2011 (7%) e 2014 (2%). "Grande parte do stock de IDE está relacionado com a capitalização bolsista ou o valor de mercado das empresas", nota João Gomes, sócio da Deloitte. A redução reflete "a desvalorização dos ativos em Portugal", em particular no sector financeiro.

Opinião

Por Teresa Cardoso
de Menezes

COMPROMISSO DO CAPITAL ESTRANGEIRO

Faz parte da natureza do capital a procura da rentabilidade e, num planeta globalizado, as diferentes geografias deixaram de ser uma fronteira para passarem a ser uma oportunidade para essa procura.

A análise sobre a participação estrangeira nas 500 Maiores & Melhores (M&M) empresas em 2014 mostra uma nítida relação entre a dimensão das empresas e a capacidade de atrair capital estrangeiro. Quase dois terços (319) das 500M&M têm capital estrangeiro, valor que compara com 3% na totalidade do tecido empresarial português. Estas 319 empresas dão trabalho a quase 300 mil pessoas, faturaram mais de metade do PIB nacional e foram responsáveis por 80% das exportações entre as 500M&M.

As grandes empresas desempenham um papel estruturante na economia. Funcionam como lastro, oferecendo uma garantia de estabilidade em conjunturas diversas. A concentração de capital estrangeiro nas maiores empresas permite-nos pensar que a dimensão é um critério prioritário para as decisões dos investidores. Mas, não devemos esquecer que este capital contribui para essa mesma dimensão e sustentabilidade de muitas empresas, sobretudo se nos lembrarmos que o aumento da necessidade de investimento das empresas em Portugal é um fenómeno que enfraquece estruturalmente o tecido económico do país.

Mais do que um mapeamento geográfico da origem do capital, importa olharmos o seu grau de compromisso, que podemos avaliar pelo horizonte dos investimentos. Um investimento de longa duração terá um efeito igualmente longo e positivo no tecido empresarial e na economia nacional. Podemos identificar esse projeto de continuidade em múltiplos investimentos mais antigos, como os de iniciativa europeia com origem no Reino Unido, França ou Alemanha. Alguns deles, além do capital, trouxeram igualmente estrutura produtiva. Será importante que os casos mais recentes e muito significativos de investimento estrangeiro mostrem também este compromisso de longo prazo.

O horizonte temporal alargado dos investimentos estrangeiros será sempre importante para as maiores empresas nacionais. O longo prazo é exatamente o horizonte onde estas empresas se sentem mais seguras para mostrar o seu dinamismo, acabando por ter um papel fundamental na sustentabilidade do tecido empresarial e da economia.

Diretora-geral da Informa D&B

Parceiros históricos de Portugal lideram investimento estrangeiro

Espanha, França, Alemanha, Estados Unidos e Reino Unido destacam-se nas participações nas maiores empresas em Portugal. Mas a China já está no top 10



A Repsol é uma das mais emblemáticas empresas em Portugal com controlo de capital espanhol. FOTO TIAGO MIRANDA

A tradição ainda é o que era no investimento estrangeiro em Portugal. Espanha, França, Alemanha, Estados Unidos e Reino Unido são parceiros históricos e lideram as participações estrangeiras nas maiores empresas no país. A conclusão é da Informa D&B com base na edição de 2015 (nas bancas no final de novembro) das "500 Maiores & Melhores Empresas em Portugal" (500 M&M), onde a "Exame" distingue as companhias que se destacam no país.

Uma liderança que "reflete, provavelmente, o peso dos países tradicionalmente mais próximos da economia portuguesa", considera Teresa Cardoso de Menezes, diretora-geral da Informa D&B. Nos países que participam no capital de um maior número de empresas das 500 M&M (considerando todas as participações), encontramos Estados Unidos, Espanha, França e Reino Unido. Se considerarmos apenas participações maioritárias, Espanha lidera, seguida da França, Alemanha e Estados Unidos. "O investimento com origem nos países europeus dirige-se a menos empresas, mas com mais casos de controlo de capital". Já os Estados Unidos, "têm um perfil ligeiramente diferente. O capital surge mais disperso por uma quantidade relativamente grande de empresas".

A Alemanha é um caso paradigmático de controlo do capital, sendo o país em que o rácio entre empresas em que participa e aquelas em que detém a maioria do capital é mais elevado (87%). Mais ainda, "em diversos casos da história re-

cente da economia portuguesa, a Alemanha não traz apenas capital, mas, também, a própria estrutura produtiva, inclusivamente com o objetivo de exportar", destaca Teresa Cardoso de Menezes.

A ofensiva chinesa

Nos últimos anos, o capital chinês investiu em força em Portugal, em grandes empresas, como a REN, a EDP, ou a

companhia de seguros Fidelidade. Como resultado, a China está já na 10ª posição entre os países com participações em mais empresas das 500 M&M, subindo ao 8º lugar quando consideramos apenas participações de controlo. Além disso, com base no estudo Banca & Seguros, que também será publicado pela "Exame", a China ocupa o quarto posto no sector dos seguros em termos de participação no capital e a tercei-

ra posição nas participações maioritárias. Já no sector da banca, o capital chinês (ainda não marca presença).

"Os investimentos chineses são muito notórios porque são elevados e porque se dirigem a empresas de sectores estratégicos", nota Teresa Cardoso de Menezes, considerando que se formou "uma conjuntura que juntou a oportunidade de aquisição do capital e um país onde existe liquidez disponível,

além de uma aparente vontade de se aproximar de mercados ocidentais e de mercados lusófonos", continua. Nota ainda para Angola, que ocupa um dos lugares primeiros lugares na participação de capital internacional no sector da banca.

Sectores-chaves

Serviços; água, eletricidade e gás; agroindústria; e indústria automóvel são os sectores das 500 M&M com maior número de empresas com participação estrangeira. São também sectores com elevado número de companhias no ranking, mas isso não basta para explicar a maior presença do investimento estrangeiro. Até porque, com exceção da agroindústria, o peso das empresas com participação estrangeira no total do sector é muito elevada, chegando aos 100% na indústria automóvel. E, há outros sectores onde 100% das empresas no ranking contam com capital internacional. É o caso das telecomunicações, madeira, cortiça e móveis, equipamento de transporte; e higiene e limpeza.

Explicação? Teresa Cardoso de Menezes aponta duas pistas. Primeiro, "há uma nítida relação entre a dimensão das empresas e a sua capacidade de atrair capital estrangeiro". E, segundo, nos sectores onde "não existe know-how de raiz português, os investimentos estrangeiros estão presentes não apenas na forma de capital, mas também com base produtiva. É o caso da indústria automóvel".

SÓNIA M. LOURENÇO
slourenco@impresa.pt

PAÍSES QUE PARTICIPAM NO CAPITAL DE UM MAIOR NÚMERO DE EMPRESAS

500 MAIORES & MELHORES		BANCA & SEGUROS: BANCA		BANCA & SEGUROS: SEGUROS	
1	EUA 66	1	Espanha 5	1	Espanha 6
2	Espanha 65	2	França 4	2	França 6
3	França 49	3	Alemanha 2	3	EUA 4
4	R. Unido 46	4	Angola 2	4	Alemanha 3
10	China 17		China (não presente) 0	5	China 3

PAÍSES COM MAIOR NÚMERO DE EMPRESAS COM CONTROLO DE CAPITAL

Participação maioritária do país

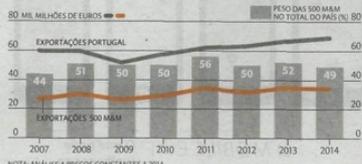
500 MAIORES & MELHORES		BANCA & SEGUROS: BANCA		BANCA & SEGUROS: SEGUROS	
1	Espanha 39	1	Espanha 3	1	França 6
2	França 38	2	França 3	2	Espanha 5
3	Alemanha 34	3	Angola 1	3	Estados Unidos 3
4	EUA 30		China (não presente) 0	4	China 3
8	China 6				

SECTORES DAS 500 M&M COM MAIOR NÚMERO DE EMPRESAS COM PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA

Serviços	Nº DE EMPRESAS	PESO NO SECTOR
Água, eletricidade e gás	32	89
Agroindústria	24	86
Indústria automóvel	23	44
	21	100

FONTE: INFORMA D&B COM BASE NAS EDIÇÕES DE 2015 DAS 500 MAIORES & MELHORES E DA BANCA & SEGUROS DA REVISTA EXAME

EXPORTAÇÕES DAS 500 M&M E DE PORTUGAL

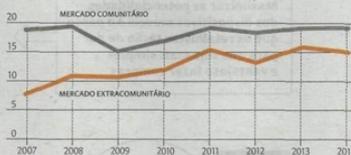


NOTA: ANÁLISE A PREÇOS CONSTANTES A 2014

FONTE: ANÁLISE INFORMA D&B COM DADOS INE E EDIÇÕES HISTÓRICAS DAS 500 MAIORES & MELHORES REVISTA "EXAME" (2007 A 2014)

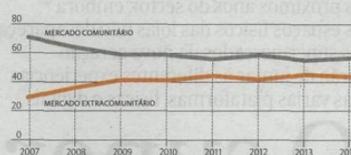
EXPORTAÇÕES 500 M&M POR MERCADO

Em mil milhões de euros



MERCADO EXTRACOMUNITÁRIO GANHA PESO

Em percentagem



Mercado extra-UE puxa pelas exportações

Vendas das maiores empresas cresceram acima do total nacional e valem metade das vendas ao exterior

São determinantes na economia portuguesa e as exportações mostram a sua importância. Em 2014, as maiores empresas representaram 49% das exportações lusas de bens e serviços, conclui a Informa D&B com base na edição de 2015 (nas bancas no final de novembro) das "500 Maiores & Melhores empresas em Portugal" (500 M&M), onde a revista "Exame" distingue as maiores e melhores empresas no país. Mais ainda, entre 2007 e 2014, o peso das 500 M&M nas exportações portuguesas aumentou cinco pontos percentuais, considerando preços constantes de 2014.

"Exportar para um mercado externo, sobretudo considerando a importância crescente dos mercados extracomunitários nos últimos anos, envolve risco e exige capacidade de produção", nota João Messias Gomes, sócio da Deloitte. Por isso, "é natural que as maiores empresas tenham maior preponderância nestas atividades", considera. Ainda mais, face à realidade do tecido empresarial português, que "é muito fragmentado". Em 2013, segundo o Instituto Nacional de Estatística, as pequenas e médias empresas (PME) representavam 99,9% das empresas no país, sendo 96,2% do total microempresas.

Crescer acima do país

A aposta das grandes empresas nos mercados externos traduziu-se num aumento das exportações das 500 M&M a uma

taxa média anual de 3,8% entre 2007 e 2014 (preços constantes de 2014), um ritmo superior ao conjunto da economia nacional, que foi de 2,1%. "Perante uma quebra no mercado interno, a opção pelos mercados externos tornou-se muito clara para as empresas", aponta Teresa Cardoso de Menezes, diretora-geral da Informa D&B. Ora, companhias com maior dimensão "têm maior capacidade de resposta perante a necessidade de alargar horizontes geográficos", afirma, lembrando que "muitas destas empresas já exportavam, não foi uma atividade nova".

Isto não significa que empresas de menor dimensão não exportem. Aliás, o peso das 500 M&M nas exportações do país aumentou entre 2007 e 2014, mas, desde o pico de 50%, atingido em 2011, até diminuiu sete pontos percentuais. A conjuntura "tornou mais premente a necessidade de muitas outras empresas se direcionarem para mercados externos", diz Teresa Cardoso de Menezes, destacando que "as análises que produzimos sobre PME mostram um aumento significativo das exportações entre estas empresas nos últimos anos". João Messias Gomes aponta no mesmo sentido: "A aposta nos mercados externos foi uma aposta das empresas nacionais, incluindo as PME. O reforço da tendência exportadora do tecido empresarial português deve ser salientado".

Vender para fora da Europa

Para além da queda do mercado interno, o período de 2007 a 2014 ficou também marcado pela fraca dinâmica dos mercados comunitários. Várias economias europeias sentiram dificuldades, com destaque para Espanha, principal destino das exportações portuguesas. Um contexto que "direcionou as empresas para os mercados extracomunitários", constata Teresa Cardoso de Menezes. Os números não deixam margem para dúvidas sobre qual foi o motor das exportações das maiores empresas. As vendas das 500 M&M para os mercados fora da União Europeia (UE) cresceram a um ritmo de 10,3%, em média, por ano, entre 2007 e 2014. Já nas vendas para o mercado comunitário, este valor ficou-se pelos 0,4%.

Como resultado, os mercados extracomunitários ganharam uma relevância muito maior nas exportações das 500 M&M, passando a representar 44% do total no ano passado, o que compara com apenas 29% em 2007 (considerando preços constantes de 2014). O aumento foi de 15 pontos percentuais.

No processo de viragem para os mercados fora da UE, destacaram-se os países da lusofonia — em particular Angola — onde

muitas empresas nacionais iniciaram ou reforçaram os seus negócios. "Um dos sectores em que esse fenómeno foi mais claro é o da construção", aponta Teresa Cardoso de Menezes.

Tudo somado, Angola tornou-se o quarto principal mercado das exportações portuguesas de bens e o quinto em termos das exportações de serviços (considerando o valor acu-

mulado entre 2010 e 2014). A crise na economia angolana, que já levou as exportações portuguesas para aquele país a recuar 28,7% nos primeiros nove meses deste ano, levanta,

contudo, interrogações para o futuro. Mais uma vez, as empresas terão de procurar novos mercados.

SÓNIA M. LOURENÇO
slourenco@impresa.pt

Expresso Economia | 14-11-2015 | pg. 19

FRASES

"Exportar para um mercado externo envolve risco e exige capacidade de produção. É natural que as maiores empresas tenham maior preponderância nestas atividades"

João Messias Gomes
Sócio da Deloitte

"Perante uma quebra no mercado interno, a opção pelos mercados externos tornou-se muito clara para as empresas"

Teresa Cardoso de Menezes
Diretora-geral da Informa D&B

Emprego recupera e está acima de 2010

No fim de 2014, a população empregada estava 8,1% abaixo de 2010. Nas maiores empresas, estava 0,3% acima

É um dos maiores desafios da economia portuguesa. Os anos da *troika* cobraram um preço elevado sobre a atividade económica e, em particular, sobre o mercado de trabalho. Sinal disso, a população empregada em Portugal em 2014, ano em que Portugal terminou o seu programa de ajustamento, ainda estava 8,1% abaixo de 2010, ou seja, antes da chegada da *troika*.

Mas as maiores empresas do país mostram uma realidade diferente. Em 2014, o número de empregados das 500 Maiores & Melhores Empresas em Portugal (500 M&M) já tinha recuperado da crise e estava, até, ligeiramente acima (0,3%) do registado em 2010. Esta é a conclusão de uma análise da Informa D&B com base na edição de 2015 (nas bancas no final de novembro) e nas edições históricas das "500 M&M", onde a revista "Exame", em parceria com a Deloitte e a Informa D&B, distingue as maiores e melhores empresas no país.

"As maiores empresas têm demonstrado maior resiliência e capacidade de adaptação a conjunturas desfavoráveis, com impacto positivo na manutenção do emprego, como é exemplo o facto de serem empresas com grande perfil exportador", frisa Teresa Cardoso de Menezes, diretora-geral da Informa D&B, notando que quase metade dos sectores das 500 M&M regista crescimento no empre-

go entre 2010 e 2014. Com destaque para as indústrias transformadoras e os serviços.

Valor acrescentado cai

Se no emprego, as 500 M&M já tinham superado os níveis *pré-troika*, o mesmo não acontecia com o volume de negócios e o valor acrescentado bruto (VAB). Isto, apesar da recuperação registada nestes dois indicadores no ano passado em relação a 2013.

Em 2014, o volume de negócios ainda estava 3,1% abaixo de 2010, considerando preços constantes do ano passado. Já o volume de negócios do universo empresarial luso decresceu 20,4%, um número bastante superior. Mais um sinal de que as maiores empresas conseguiram resistir melhor à crise, nomeadamente através da aposta nos mercados externos.

Quanto ao VAB das 500 M&M, em 2014 estava 29,4% abaixo do valor de 2010, mais uma vez considerando preços constantes de 2014. Aqui, a contração foi superior à registada para o conjunto de todas as empresas em Portugal, que viram o seu valor acrescentado recuar 23% neste período.

Explicação? "As diferentes composições da lista das 500 M&M pode justificar, em larga medida, estas variações em proporções tão distintas", responde João Messias Gomes, sócio da Deloitte. Até porque o VAB,

que traduz a diferença entre o valor da produção e o valor do consumo intermédio, "pode variar muito de negócio para negócio", acrescenta.

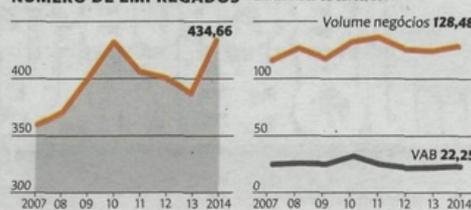
Certo é que "os sectores com maior crescimento de emprego são, em quase todos os casos, também aqueles onde se verifica o melhor desempenho em termos de volume de negócios e VAB, salienta Teresa Cardoso de Menezes, destacando, mais uma vez, as indústrias transformadoras e dos serviços. As indústrias transformadoras — um sector que reforçou muito a sua orientação para os mercados externos, perante a quebra no mercado interno — são o sector com maior peso no volume de negócios das 500 M&M e re-

gistam um crescimento de 6,1% neste indicador, entre 2010 e 2014. Quanto aos serviços, são o sector com o maior VAB no ranking e têm um crescimento de 9,4% neste indicador.

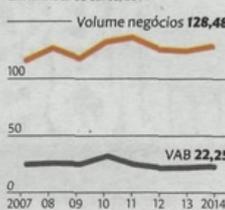
A viragem para fora foi quase transversal. Nos últimos anos "sectores considerados tradicionalmente não transacionáveis, evoluíram e conseguem hoje colocar os seus bens e serviços no mercado internacional", salienta João Messias Gomes. Um exemplo é o sector da construção, um dos mais afetados pela crise económica no país, mas que "procurou reorientar a sua atividade, investindo na internacionalização".

SÓNIA M. LOURENÇO
slourenco@impresa.pt

EMPREGO JÁ RECUPEROU... NÚMERO DE EMPREGADOS



... VENDAS E VAB AINDA NÃO



BALANÇO DO PERÍODO DE AJUSTAMENTO

PRINCIPAIS INDICADORES	2010	2014	VARIAÇÃO
Volume negócios (€milhões)	132.578	128.476	-3,1%
Valor Acrescentado Bruto (€milhões)	31.514	22.248	-29,4%
Número empregados	433.162	434.663	0,3%

NOTA: ANÁLISE A PREÇOS CONSTANTES DE 2014. VAB VALOR ACRESCENTADO BRUTO.
FONTE: EDIÇÃO "500 MAIORES & MELHORES" DA REVISTA "EXAME" (2015)